

OS DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Danilaine Luzia da Silva Pedrosa¹

Leilane Rodrigues Fernandes²

Vilma Soares da Silva Santos Souza³

Talita Daniele Alves Gomes Caldeira⁴

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo sobre os principais desafios do processo de alfabetização enfrentados pelos professores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, visa refletir acerca de tais desafios, aborda diferentes metodologias e suas contribuições para o trabalho em sala de aula. O artigo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica a partir de materiais publicados em livros, pesquisas online de artigos científicos publicados, endereços online e biblioteca. Os resultados desta pesquisa destinam-se à comunidade escolar, apresentando reflexões sobre os problemas que distanciam a escola real daquela idealizada nas políticas públicas. Por fim, conclui-se que alfabetizar é muito mais que ensinar a decifrar o código escrito e que diversos fatores, intrínsecos e extrínsecos à sala de aula, dificultam o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desafios. Ensino-aprendizagem. Métodos de alfabetização.

Introdução

O presente artigo apresenta um tema relevante para a comunidade escolar dialogando sobre os desafios encontrados durante o processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Diante das dificuldades encontradas em sala de aula, culminou-se o seguinte questionamento: Como enfrentar os desafios que

¹Graduando em Pedagogia na Faculdade Única. E-mail: silvadanilaine@gmail.com

²Graduando em Pedagogia na Faculdade Única. E-mail: leilanerf@hotmail.com

³Graduando em Pedagogia na Faculdade Única. E-mail: vilmasoaresouza81@gmail.com

⁴Professora Tutora do Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade Única. E-mail:

talita.caldeira@unicaead.com.br

surgem durante a alfabetização dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental atualmente? A partir deste artigo objetiva-se identificar e refletir sobre alguns desafios encontrados pelo professor alfabetizador nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A investigação pautou-se em desafios que causam um grande atraso no processo de alfabetização e, por consequência, impactam diretamente a escolarização das crianças.

O trabalho justifica-se em meio a tantas dificuldades no processo de alfabetização, pois a preocupação a respeito deste tema cresce gradativamente entre os profissionais de educação. A pesquisa possui um caráter acadêmico por tecer considerações acerca de diferentes métodos de alfabetização e suas contribuições para alcançar esse objetivo. Compete ao professor vencer as barreiras, ser criativo e se reinventar para encontrar práticas que atendam às necessidades de seus alunos enquanto desperta neles o interesse pelo mundo das letras.

Diante do presente trabalho almejamos dialogar sobre os principais desafios enfrentados pelos professores no processo de alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, aspiramos reconhecer diferentes métodos de alfabetização e suas contribuições para a prática do professor alfabetizador e refletir acerca das teorias e práticas educativas no contexto atual.

Para chegar aos resultados de conhecimentos adquiridos nesta pesquisa, utilizamos um método de pesquisa bibliográfica a partir de materiais publicados em livros, pesquisas online de artigos científicos publicados, endereços online e biblioteca. As informações contidas neste artigo são provenientes de fontes primárias identificadas em trabalhos originais publicados em primeira instância pelos autores. A investigação do tema escolhido também ocorreu por meio de fontes secundárias, ou seja, através de publicações não originais, mas que dialogam, citam, revisam e interpretam obras originais.

Por fim, esperamos que o presente artigo contribua para a reflexão a respeito das práticas pedagógicas que orientam o processo de alfabetização, pois compreender os conceitos, as ferramentas e metodologias enriquece as experiências em sala de aula. Ser mediador no processo de alfabetização, é muito mais que ensinar as habilidades de ler e escrever. Alfabetizar é dar autonomia as crianças, é mostrar que o mundo das letras abre portas em uma sociedade dinâmica e auxiliá-las a encontrar seu caminho na sociedade.

Referencial teórico

O presente trabalho aborda os desafios que os docentes vêm enfrentando no processo de alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como as metodologias que são empregadas no cotidiano em sala de aula com o intuito de oferecer uma educação de qualidade suprimindo os interesses dos alunos.

A alfabetização compreende o processo pelo qual os educandos desenvolvem habilidades de ler e escrever à medida que se apropriam do código escrito, compreendem suas nuances e conjunto de regras. A alfabetização, segundo Magda Soares, é a “identificação das relações fonema e grafema, habilidades de decodificação na língua escrita, conhecimentos e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da sala para a forma gráfica da escrita.” (SOARES, apud BES et al., 2018, p. 22)

Segundo Soares (apud BES et al., 2018, p. 22), o letramento é a “imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito”, ou seja, letramento pode ser definido pela aquisição da habilidade de usar a linguagem, conferindo aos sujeitos maior autonomia na sociedade letrada em que vivemos.

Por esta ótica, alfabetização e letramento são conceitos distintos que se complementam. Enquanto o primeiro trata da parte “mecânica” do processo, isto é, refere-se aos caminhos pelos quais as crianças desenvolvem a escrita e leitura, tais como: reconhecimento de letras, sílabas e palavras, o segundo transcende as técnicas da escrita, possibilitando a aprendizagem da linguagem através de situações concretas, relacionando contextos sociais e culturais, ou seja,

aprender a ler e escrever significa, portanto, (res)significar a linguagem e, assim, redimensionar a relação com o mundo [...] como as conquistas humanas podem ser armazenadas na imensa biblioteca de saberes, fatos e feitos, a escrita requalifica a existência a ponto de viabilizar até mesmo a imortalidade humana. (COLELLO, 2021, p. 20)

Segundo Cagliari (1998), a alfabetização é o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa assim como a invenção da escrita foi um marco na história da humanidade. Para ele:

(...) Essa competência está ligada ao conhecimento de muitos aspectos da sua atuação como educador e como professor alfabetizador. Estudar pedagogia, metodologia, psicologia, é importante. Mas ninguém se forma um bom alfabetizador só com essas disciplinas. O fundamental é saber como a linguagem oral e escrita são e os usos que têm. Resumindo, a competência técnica do professor alfabetizador se apoia em sólidos e profundos conhecimentos de linguística e dos sistemas de escrita (de matemática e de ciências inclusive...) [...] nenhum método educacional garante bons resultados sempre e em qualquer lugar; isso só se obtém com a competência do professor. (CAGLIARI, 1998, p. 33-34)

O trabalho pedagógico é complexo, envolve um conjunto de saberes para ser desempenhado com profissionalismo, porém, muitas vezes o docente se vê diante de uma realidade desafiadora com escassez de recursos, “ineficiência das práticas de planejamento e avaliação, desajustamento metodológico, [...] desequilíbrio do projeto educativo e incerteza quanto aos resultados.” (COLELLO, 2021, p. 49)

Um dos maiores desafios do professor alfabetizador é abandonar metodologias desconectadas com a atualidade e repensar a prática com o intuito de transpor os muros da escola. Oferecer experiências significativas, dialogar com a realidade do aluno, se adaptar com a velocidade com que as informações e tecnologias circulam na sociedade é "o desafio dos educadores na sociedade contemporânea, mais do que alfabetizar, é investir na constituição do sujeito leitor e escritor, incorporando na sua prática o significado político da formação humana." (COLELLO, 2021, p. 83)

Os desafios enfrentados pelo professor alfabetizador na atualidade são inúmeros, a falta de apoio familiar, a falta de interesse e atenção do próprio aluno, problemas psicológicos, emocionais, docentes malformados e inseguros. O aluno não pode mais ser visto como um sujeito passivo, mas sim como um sujeito ativo no seu processo de alfabetização. Para desenvolver um trabalho pedagógico coerente, cujo foco é o aluno, é preciso ter uma bagagem de conhecimentos, estar preparado para compreender que os alunos já trazem consigo saberes que também são importantes, e expor esses saberes faz parte da aprendizagem, enxergar o aluno como um todo, suas especificidades e limitações, deixar para trás aquele velho método de memorização e soletração, e fazer o uso de novas metodologias, pois uma só não permite a alfabetização de todos os alunos.

De acordo com Soares (2016):

Embora não se possa atribuir a uma só causa a persistência de problemas e controvérsias em torno de métodos de alfabetização, já que vários fatores relacionam-se com a questão, uma explicação prevalece sobre outras

possíveis: métodos de alfabetização têm sido sempre uma questão porque derivam de concepções diferentes sobre o objeto da alfabetização, isto é, sobre o que se ensina quando se ensina a língua escrita. (SOARES, 2016, p. 25)

A escola é um dos principais espaços para a formação do aluno. Atividades lúdicas, diálogo, jogos e brincadeiras podem ser entendidos como ferramentas para despertar o interesse no discente. Ao utilizar essas ferramentas, o docente proporciona momentos mais agradáveis em sala de aula e oferece a possibilidade de o aluno construir o próprio conhecimento. As experiências vivenciadas em sala de aula dependem do planejamento e curadoria do professor, ou seja, suas escolhas podem facilitar o desenvolvimento do trabalho durante o processo de ensino-aprendizagem.

Sendo assim, Lotsch (2016) afirma que:

No processo de alfabetização devemos, primeiramente, elencar quais conteúdos serão trabalhados e, assim, preparar as atividades e o planejamento, dando sequência a cada uma delas. O importante, nesse processo, é conseguirmos garantir sua progressão de acordo com as metas preestabelecidas e os objetivos que os alunos deverão ter atingido até o final. (LOTSCH, 2016, p. 58)

É fundamental que o professor não veja o ensino apenas como transmissor de conhecimentos e, sim, como um acesso a uma educação transformadora. Como nos aponta Paulo Freire (1996, p. 26): “O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”.

Atualmente são inúmeras as metodologias para o processo de alfabetização e letramento. Percebe-se que o aluno não está se sentindo muito atraído por atividades tradicionais. Por isso, o discente terá mais prazer em aprender de forma lúdica ou tecnológica. Com isso, o professor deve propor atividades que desafie e incentive o aluno a descobrir novos conhecimentos, novas situações. São várias as tecnologias da informação e comunicação disponíveis para o uso na educação. E quando o professor traz para a sala de aula a linguagem dos alunos, se tem uma grande chance de conseguir um bom resultado de aprendizagem.

Alfabetização e Letramento: Um olhar atento aos desafios

A criação da escrita foi um grande salto para o desenvolvimento das primeiras civilizações, visto que, ao representar a linguagem falada, a relação do homem com o conhecimento foi ressignificada. Em solo brasileiro, a educação formal se inicia com a chegada dos portugueses no período colonial, cuja missão era converter os índios ao cristianismo a partir de um modelo de educação pautado na moral e nos valores religiosos.

Na sociedade contemporânea, a cultura letrada assume um papel de grande relevância, tanto que, saber ler e escrever são competências que contribuem para a autonomia do indivíduo. Em busca da aquisição de tais habilidades, a alfabetização tem protagonismo nos primeiros anos da vida escolar infantil, é neste período que os educadores apresentam as letras e ensinam os mecanismos da língua materna.

Para nortear e assegurar os direitos dos estudantes, no ano de 2018, foi homologado a BNCC, este documento “define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 9). Considera-se que muitos trabalham em prol de um futuro melhor para as novas gerações, mas ainda é notável que os objetivos que se espera alcançar com estas orientações ainda contrastam com a realidade.

O debate sobre os problemas que afligem os responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem durante a alfabetização, é uma forma de compreender a realidade das escolas públicas e privadas com o intuito de traçar medidas que visam promover uma educação consistente.

Um dos grandes desafios dos professores é articular as concepções teóricas e a prática. O profissional que atua na educação básica nem sempre tem a formação adequada e se vê perdido em meio a muitas teorias e ferramentas pedagógicas. Sobre este impasse, Colello (2021) traça um paralelo entre a assimilação do discurso pedagógico de ponta e a insensibilidade dos meios de produção. Ao chamar o “circuito entre as contribuições acadêmicas” de “tumultuado”, ela ressalta a abundância de possibilidades e as incertezas de quais caminhos percorrer ao longo da jornada pedagógica.

O repertório do professor e como ele apresenta o conteúdo em classe impacta diretamente as experiências e por consequência, os resultados dos alunos. Portanto, se planejar demanda bastante dedicação e as tomadas de decisão não deveriam ser

algo meramente intuitivo. Compreender e organizar o ritmo da rotina escolar, adaptar a linguagem e instigar os alunos para desenvolverem a escrita e pensamento crítico é desafiador e exige paciência.

Weisz (2002) discute acerca da importância dos saberes do professor pelo viés linguístico. Como falante nativo, o professor não deve se apoiar apenas na intuição para transmitir o conhecimento. Trabalhar com alfabetização é ensinar a parte “mecânica” da língua e também suas funções sociais, tal qual a mesma autora conclui:

De fato, já se reconhece, há muito tempo, que o conhecimento linguístico do professor não reside somente na gramática ou na ortografia normativa, mas também em suas habilidades pragmáticas de intercâmbio comunicativo, relacionadas a sua função de promover a maior participação possível dos estudantes em situações de produção e intercâmbio de linguagem. (WEISZ, 2002)

Colello afirma que o trabalho pedagógico é em equipe, que “é preciso compreender a capacitação docente como uma ação conjunta e partilhada, capaz de romper com a segmentação entre teoria e prática, o distanciamento entre o pensar e o fazer educação.” (COLELLO, 2021, p. 183)

O esforço e o diálogo não se aplicam apenas no meio da comunidade escolar. Aproximar e contar com o apoio familiar é uma contribuição significativa para o desenvolvimento global da criança, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, porém “muitos professores apontam a ausência dos pais, seu descomprometimento com questões de formação moral e aprendizagem dos filhos, como uma das grandes dificuldades da escola”. (HOFFMANN, 2001, p. 32)

Essa transferência de responsabilidade traz prejuízos ao desenvolvimento escolar, pois, na ausência do acompanhamento familiar, a escola absorve as tarefas que são atribuídas aos educadores da família. Embora o professor seja um profissional capacitado para ensinar, no cotidiano de sua profissão, ele costuma lidar com salas com um número grande de alunos, o que dificulta acompanhar de perto alunos com dificuldades de aprendizagem.

O fracasso escolar, por vezes, está associado às dificuldades de aprendizagem. Tais dificuldades são multifatoriais e podem ser, a título de exemplo, de ordem emocional, psicológica, cognitiva ou proveniente de algum transtorno. O olhar atento e a sensibilidade do professor para perceber essas singularidades são o

diferencial para contribuir na construção do conhecimento, pois, toda criança pode aprender quando estimulada corretamente. Assim sendo, podemos afirmar que:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. [...] o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas. (BRASIL, 1998, p. 30)

Pela perspectiva de mediador do conhecimento, podemos perceber que o desafio do professor é ser eficiente no planejamento de suas ações, interpretar os dados produzidos pela turma para avaliar as melhores estratégias e metodologias a serem empregadas na realidade da sua turma.

As dificuldades e desafios da educação vão muito além do ambiente escolar. As desigualdades estruturais na nossa sociedade, a falta de recursos nas escolas públicas e a necessidade de implementação de políticas públicas ainda são questões que nos afastam de uma escola ideal, a qual, de fato, oferece oportunidade para todas as crianças.

Métodos de alfabetização e suas contribuições

A alfabetização está em constante transformação para se adequar às necessidades sociais e com isso, surgem diferentes teorias e métodos de alfabetização para atender as novas demandas. Os métodos de alfabetização, são amplamente discutidos no meio acadêmico e certamente são um dos pontos mais polêmicos na história da educação.

Atualmente quando se fala em métodos de alfabetização, é interessante repensar as práticas pedagógicas, compreendendo que a apropriação da leitura e da escrita deve favorecer a apropriação da cultura e dos bens acumulados historicamente, pois a escola é um dos espaços de acesso e desenvolvimento da cultura letrada.

De acordo com Soares (2016):

Método é um caminho, em direção à criança alfabetizada e se, para trilhar um caminho, é necessário conhecer seu curso, seus medos, as dificuldades que

se interpõem, alfabetizares(as) dependem do conhecimento dos caminhos da criança- dos processos cognitivos e linguísticos de desenvolvimento e aprendizagem da língua escrita- para orientar seus próprios passos e os passos das crianças- é o que se denominou alfabetizar com método: alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o processo de alfabetização, o que se diferencia fundamentalmente de alfabetizar trilhando caminhos predeterminados por convencionais métodos de alfabetização. (SOARES, 2016, p. 352)

Na história da educação brasileira, há dois métodos de alfabetização: o sintético e o analítico. Sobre esses métodos, Mortatti (2000) nos mostra que a alfabetização é uma técnica intencional e sistematizada. Para ela, a escolarização é dependente de um método, que abrange também os objetivos e os conteúdos fundamentais ao desenvolvimento da prática de alfabetização. Trata-se de um processo que está em busca constante para solucionar os problemas das crianças não alfabetizadas.

O método sintético

O método sintético é reconhecido como o método de alfabetização mais antigo, ele foi adotado por alguns países europeus. Segundo Almeida (2008, p. 4234), os métodos sintéticos “seguem a marcha que vai das partes para um todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores”. Com o método sintético se aprende o processo de codificação e decodificação. O método sintético se divide em três processos: alfabético, fônico e silábico.

No método alfabético a criança inicia conhecendo o nome das letras, a sequência do alfabeto, suas formas, maiúscula e minúscula, a junção das letras entre si, formando a sílaba ou a palavra. É conhecido também como método de memorização.

O método fônico surgiu como uma crítica ao método alfabético. Primeiramente se aprende o fonema (som) de cada letra (grafema), depois junta-se o som de duas letras formando a sílaba, depois a palavra. O método fônico tem por objetivo:

[...] desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafofonêmicas de modo que possa levar a criança a adquirir leitura e escrita competentes; ou seja, escrita, fazendo codificação fonografêmica fluente para poder registrar seus pensamentos e, na leitura, fazendo decodificação grafofonêmica fluente para obter acesso semântico natural à medida que processa o texto. (Capovilla, 2004, p. 6)

Alguns estudiosos acreditam que esse método de alfabetização possibilita ao aluno aprender a ler e a escrever com autonomia. O método procura desenvolver a consciência fonológica da criança.

No método silábico, a principal unidade a ser analisada pelos discentes é a sílaba, geralmente muito utilizada em cartilhas. O professor dá início ao processo ensinando as vogais e seus encontros, como por exemplo ai, eu, ia, depois as consoantes e o encontro com as vogais, exemplo a família do D= da – de- di -do -du, sempre em ordem e em sequência as sílabas complexas.

Segundo Frade (2005):

Esse método utiliza-se palavras-chave apenas para indicar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras. O método permite que se formem novas palavras apenas com as sílabas já apresentadas e formam-se gradativamente, pequenas frases e textos, forjados para mostrar apenas as combinações entre sílabas já estudadas. (FRADE, 2005, p. 27)

No método silábico há uma questão, há textos com palavras artificiais, na maioria das vezes sem sentido, dificultando a compreensão da leitura.

O método analítico

O método analítico parte do todo para as partes menores, vem em oposição ao método sintético e busca romper com os conceitos da decifração.

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo todo, para depois se proceder a análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o todo: a palavra, ou a sentença, ou a historieta. [...]. Nesse documento, priorizava-se a historieta (conjunto de frases relacionadas entre si por meio de nexos lógicos), como núcleo de sentido e ponto de partida para o ensino da leitura. (MORTATTI, 2006, p.7)

Dentro do método analítico há outros três métodos mais conhecidos que são: o método global, o método de sentencição e o método de palavração. O método global parte de pequenas histórias, separa o texto em frases, as frases em palavras, as palavras em sílabas e, por fim, formam-se novas palavras com as sílabas aprendidas. No método de sentencição, o processo de ensino parte da leitura global e compreensão das sentenças, ou seja, das frases, e depois a decomposição das

palavras até chegar a sílaba. A alfabetização por esse método leva a comparação e a decomposição de palavras. No método de palavração, o ponto de partida e a análise das palavras, são retiradas de um texto, depois são agrupadas e em seguida são apresentadas aos alunos que aprendem e a partir da valorização dessas palavras relacionando-as com a imagem gráfica.

A alfabetização e letramento nos Anos Iniciais são de extrema importância para que se estabeleça uma base educacional. Apropriar-se da linguagem oral e da linguagem escrita são meios para que os alunos consigam interpretar e compreender diferentes tipos de textos. Ensinar uma criança a ler e escrever é lhe oferecer ferramentas para mudança em seu estilo de vida, se adequando às exigências da sociedade atual. Magda Soares, em seus estudos, afirma que:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2022, p. 39-40)

O docente em sua prática de ensino deve fazer sempre uma reflexão de como está caminhando seu trabalho e se está alcançando seus objetivos, para que seja o mais ético e responsável possível, para atender as necessidades de seus alunos.

Freire (1996, p. 43-44), diz que é fundamental que o professor realize uma reflexão crítica sobre sua prática e teoria. Esse processo de reflexão traz benefícios para o aperfeiçoamento de sua prática. Ensinar requer bastante atenção e os professores encontram muitos desafios para conseguir alfabetizar as crianças, ainda mais diante da sociedade em que vive o mundo hoje.

Para compreender os desafios faz-se necessário refletir não apenas a respeito das teorias que orientam o trabalho pedagógico, mas também sobre os contextos nos quais alunos e educadores estão inseridos. Discorrer sobre metodologias e práticas pedagógicas é uma experiência enriquecedora para o professor alfabetizador porque ele precisa compreender os conceitos, as ferramentas, sua comunidade escolar e ser o mediador no processo seletivo. A educação é o reflexo da sociedade, assim os educadores buscam maneiras de aperfeiçoamento no processo de educação, acompanhando a evolução global, procurando ampliar seus conhecimentos com diferentes metodologias.

Alfabetização no contexto atual

Desde o início do trabalho pedagógico no Brasil até os dias atuais, muito se desenvolveu em termos de políticas públicas. A educação básica é um direito assegurado por lei, porém a própria BNCC, que se orienta “pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 7) também afirma que as políticas públicas ainda são fragmentadas e sua homologação tem o intuito de superar esta divisão por meio de maior colaboração entre os setores do governo.

Saviani ressalta que a mentalidade pedagógica se articula com as concepções de mundo e sociedade, ou seja, os rumos da educação e as escolhas pedagógicas estão intimamente ligadas aos contextos históricos, políticos e econômicos pelos quais a nossa sociedade está passando. “Assim, numa sociedade determinada, dependendo das posições ocupadas pelas diferentes forças sociais, estruturam-se diferentes concepções filosófico-educativas às quais correspondem específicas mentalidades pedagógicas.” (SAVIANI, 2000)

Em 2012, o Ministério da Educação criou o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, o objetivo desta política educacional é “mobilizar esforços e recursos na valorização dos professores e das escolas; no apoio pedagógico com materiais didáticos de qualidade para todas as crianças do ciclo de alfabetização e na implementação de sistemas adequados de avaliação, gestão e monitoramento” (BRASIL, 2014, documento on-line). Desta forma, tem-se como objetivo, alfabetizar todas as crianças até oito anos de idade, isto é, até o final do 3º ano do ensino fundamental, estejam alfabetizadas.

As políticas públicas ainda contrastam com a realidade da escola. Dados da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), conforme relatório SAEB/ANA(2018), revelaram que mais da metade dos alunos matriculados no terceiro ano do ensino fundamental têm nível insuficiente em leitura e matemática (BRASIL,2018).

O desafio do professor alfabetizador na atualidade é deixar esses índices inquietantes para trás, é importante que o baixo rendimento fique para trás para que as próximas gerações sejam constituídas de pessoas mais engajadas na sociedade.

Para trabalhar com a alfabetização na sociedade contemporânea, é necessário articular várias áreas do conhecimento e refletir sobre cada uma delas. Colello (2021) apresenta em sua obra algumas dimensões e questionamentos:

"Mais especificamente, o que está em pauta são os seguintes questionamentos: na dimensão linguística, o que ensinamos quando ensinamos a ler e escrever? Na dimensão sociocultural, para quê (ou para quem) ensinamos a ler e escrever? Na dimensão cognitiva, como se aprende a ler e escrever? Na dimensão pedagógica, como se ensina a ler e escrever?" (COLELLO, 2021, p. 81)

Refletir sobre as dimensões nas quais ler e escrever estão presentes é necessário para compreender o papel social que a alfabetização ocupa na atualidade. A visão crítica, o rigor da pesquisa e a adoção de práticas pedagógicas significativas fazem diferença no cotidiano da sala de aula.

Alfabetizar é uma grande responsabilidade de um educador, uma vez que, a democratização do conhecimento é libertadora, contribui para o crescimento individual e social do ser humano. Uma prática docente desprovida da criticidade e da rigorosidade metódica que deve caracterizar a construção do conhecimento produz um saber ingênuo. (FREIRE, 2004)

Com os avanços tecnológicos e na área de comunicação, a sociedade mais conectada, estamos aprendendo a moldar as relações sociais através do mundo virtual, aprendendo a lidar com o cyber texto, a ler o mundo de uma maneira diferente, acessando informações de forma imediata. Se por um lado temos avanços, por outro, o cenário educacional ainda perpetua a defasagem e as desigualdades sociais. Essas barreiras, dificultam o conhecimento chegar onde ele é necessário. Mesclar teoria e prática é fundamental para buscar metodologias e ferramentas atualizadas, que dialoguem com a realidade. Assim, de forma lúdica, o aluno torna-se ativo em seu processo de ensino aprendizagem.

Considerações Finais

A pedagogia é considerada uma Ciência ampla, complexa, que se sustenta com o conhecimento de diversas áreas. Seu conjunto de teorias, métodos de ensino e aprendizagem são colocados em campo através da atuação do professor. O ofício pedagógico evidentemente é de suma importância na formação dos discentes.

Entende-se a alfabetização não apenas como um fio condutor que leva a criança à compreensão das regras e mecanismos da língua, mas também é por meio da alfabetização que se tem os ensinamentos em relação ao papel social que a língua desempenha.

No contexto atual, a visão construtivista da educação ganha espaço, pois, entende-se que a criança é ativa no processo de construção do seu conhecimento. Na alfabetização em si, ela cria hipóteses, aprende com seus erros e pela troca com seus pares e professor até ter domínio do conteúdo e habilidades.

O caminho do professor que atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nem sempre é fácil, principalmente se considerarmos os profissionais que exercem sua função no setor público. Estes lidam com uma sobrecarga de trabalho, um número elevado de alunos numa mesma turma, falta de recursos e por vezes, a ineficiência do planejamento e o distanciamento da família na vida escolar da criança, por diversos fatores. Soma-se a estas barreiras, as dificuldades de aprendizagem, problemas de baixa autoestima, psicológicos e emocionais. Um contexto caótico que impacta diretamente o processo de alfabetização.

O professor não tem em suas mãos o poder de mudar a educação de uma só vez, mas, seu trabalho faz parte de uma grande construção. Podemos nos lembrar da missionária Madre Teresa de Calcutá, que entre tantos legados, nos deixou esta reflexão: “O que nós fazemos pelos pobres é uma gota de água no oceano: mas se o não fizéssemos, se não deitássemos no oceano essa gota, ao oceano faltaria algo, faltar-lhe-ia essa gota.”

O trabalho do professor, principalmente do alfabetizador, pode parecer uma “gota no oceano”, mas ele é essencial para o desenvolvimento de outras habilidades. Saber ler e escrever não é o único meio de acesso ao conhecimento, mas, certamente, essas competências são significativas para o desenvolvimento intelectual.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Mariana Aparecida Paes. **Métodos alfabetizadores: reflexões acerca da prática pedagógica de uma professora de 1ª série do ensino fundamental**. Educere. Anais do II Congresso Nacional de Educação. Curitiba - Paraná, 2008. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/8241240-Metodos-alfabetizadores-reflexoes-acerca-da-pratica-pedagogica-de-uma-professora-de-1a-serie-do-ensino-fundamental.html>>. Acesso em: 25 nov. 2022

BES, Pablo; KUCYBALA, Fabíola dos S.; FREITAS, Glória; CATÃO, Virna M.; NUNES, Alex R. **Alfabetização e letramento**. Porto Alegre: SAGAH educação S.A., 2018, p22. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595024656/>. Acesso em 13 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização sem o ba, be, bi, bo, bu**. São Paulo, Scipione.m1998.

CAPOVILLA, A.G.S. **Alfabetização- método fônico**. 3 ed. São Paulo: Meninos 2004.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Alfabetização: O quê, por quê e como**. Summus Editorial, 2021.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização: princípios e transformações**: Belo Horizonte, 2005, p. 27

FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.8.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra,1996.

HOFFMANN, Jussara. A participação das famílias. In: HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: As setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LOTSCH, V.O; **Alfabetização e letramento I**, [recurso eletrônico], São Paulo, Cengage, 2016.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização** - São Paulo) UNESP, 2000.

_____. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília: UNESP, 2006.

REVISTA UEG - ALFABETIZAÇÃO: **para pensar os métodos**. Disponível em <https://www.revista.ueg.br>. Acesso em 25/11/2022.

SAVIANI, Dermeval. A ideia de sistema nacional de ensino e as dificuldades para sua realização no Brasil no século XIX. In: **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. 2000.

SOARES, Magda. **Alfaletar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020, p.290.

_____. **Alfabetização: A questão dos métodos**. São Paulo: Contexto 2021.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. – 3. Ed.; 8. reimp. – Belo Horizonte ; Autêntica, 2022.

WEISZ, Telma; TEBEROSKY, Ana; RIVERO, José. Alfabetização no contexto das políticas públicas. In: **Congresso Brasileiro de qualidade na Educação: Formação De Professores**. 2002